

Resistência comunitária nas periferias urbanas

Estruturas colaborativas e comparativas para o engajamento político



Relatório do Workshop do Rio de Janeiro, março de 2026

Financiado pelo Fundo de Iniciativas Globais do Reitor da Universidade de Columbia (PGIF) e pelo Fundo de Impacto e Inovação da Universidade de St Andrews (IIF), com apoio adicional do Columbia Global Center no Rio de Janeiro.

Visão geral do projeto

Milhões de pessoas em todo o Sul Global vivem sob a influência de grupos armados não estatais, ao mesmo tempo em que enfrentam marginalização socioeconômica e acesso limitado aos serviços públicos. Apesar dessa vulnerabilidade e precariedade, os moradores e a sociedade civil dessas comunidades desenvolveram estratégias criativas para lidar com tais contextos e defender o desenvolvimento e a justiça. Este projeto questiona: *Como as comunidades urbanas se mobilizam para defender seu bem-estar, dignidade, direitos e justiça?* Ao integrar insights da ciência política, dos estudos urbanos, da sociologia e dos estudos jurídicos com as experiências vividas por líderes da sociedade civil e moradores, este projeto colaborativo aborda essa questão por meio de uma comparação inovadora entre bairros marginalizados em três grandes cidades do Sul Global: Rio de Janeiro (Brasil), Nairóbi (Quênia) e Cidade do México (México).

Objetivos

1. **Identificar** as condições e os mecanismos que impulsionam ações políticas e jurídicas coletivas em contextos de violência e precariedade.
 - a. Documentar as estratégias de advocacy, negociação e defesa de direitos que moradores, organizações comunitárias e atores locais empregam diante de diversas formas de violência, exclusão e negligência estatal.
 - b. Analisar como essas formas individuais e coletivas de ação política e jurídica surgiram.
 - c. Explicar como e por que tais ações e comportamentos se mantêm ou se transformam ao longo do tempo.
2. **Destacar** soluções lideradas pela comunidade e contextualmente relevantes
 - a. Concentramos nossos esforços analíticos e práticos nas ações individuais e coletivas mais eficazes e inovadoras.
 - b. Este projeto busca aprender com a enorme criatividade cultural e política dessas comunidades e espaços, enfatizá-la e contribuir ainda mais para ela.

3. Elaborar estruturas práticas para o engajamento cívico

- a. Considerando a participação de diversas organizações da sociedade civil e ativistas neste grupo de pesquisa, nosso objetivo é criar estruturas para:
 - i. ações políticas e jurídicas práticas e viáveis, que possam ser replicadas além das fronteiras dos estudos de caso dos bairros.
 - ii. abordagens colaborativas que promovam a partilha de poder e valorizem diferentes tipos de conhecimento.



Os colaboradores do projeto ouvem os trabalhadores da Redes da Maré falarem sobre seus projetos ambientais.

Metodologia

• Comparação baseada em casos

- Bairros com situações semelhantes no Rio de Janeiro (Maré), em Nairóbi (Mathare) e na Cidade do México (Desarrollo Urbano Quetzalcoatl, DUQ, e Ermita Zaragoza) são os principais casos deste estudo.
- As comparações de mecanismos, dinâmicas e soluções ocorrem em vários níveis:
 - **Nível territorial/comunitário:** Quais são os aspectos estruturais, geográficos e simbólicos da marginalização e da resistência nesses bairros?
 - **Nível organizacional:** Como a sociedade civil e a mobilização comunitária se organizam em cada bairro? Quais são as atividades e estratégias específicas que elas empregam? Como essas organizações comunitárias se relacionam com as instituições e os atores do Estado?

- **Nível individual/subjetivo:** Como os indivíduos vivenciam e percebem a marginalização e a ação coletiva nessas comunidades?

- **Reuniões e oficinas participativas**

- A equipe se reúne regularmente e cria um ambiente colaborativo no qual todos os membros possam participar de forma significativa.
- O projeto já organizou um (de um total de três) workshop presencial de vários dias, envolvendo acadêmicos, profissionais da área e líderes da sociedade civil, que facilitam o desenvolvimento de insights conceituais e empíricos.
- As oficinas empregam diversas metodologias participativas, incluindo passeios pelo território, brainstorming orientado, entrevistas com especialistas, discussões em pequenos grupos e anotações coletivas.

- **Coprodução de conhecimento**

- A equipe do projeto utiliza exercícios e atividades de redação colaborativa para incorporar as perspectivas e os insights de cada membro da equipe. Todas as publicações são de autoria conjunta de toda a equipe.

- **Divulgação multilíngue**

- Todas as comunicações internas e os resultados destinados ao público são traduzidos entre inglês, espanhol e português.
- Buscamos tornar as conclusões acessíveis a diversas regiões e públicos.

Resultados

- Três **relatórios de oficinas**
- Um **curta-metragem** que documenta os três workshops e o processo colaborativo subjacente à pesquisa
- Três **artigos acadêmicos**: um que busca reconceituar as “margens urbanas”, dois sobre as principais conclusões relativas à ação política e jurídica coletiva e outro que detalha nossa metodologia colaborativa e participativa
- Um **resumo de políticas** que descreve as principais conclusões e implicações para organizações internacionais e a sociedade civil

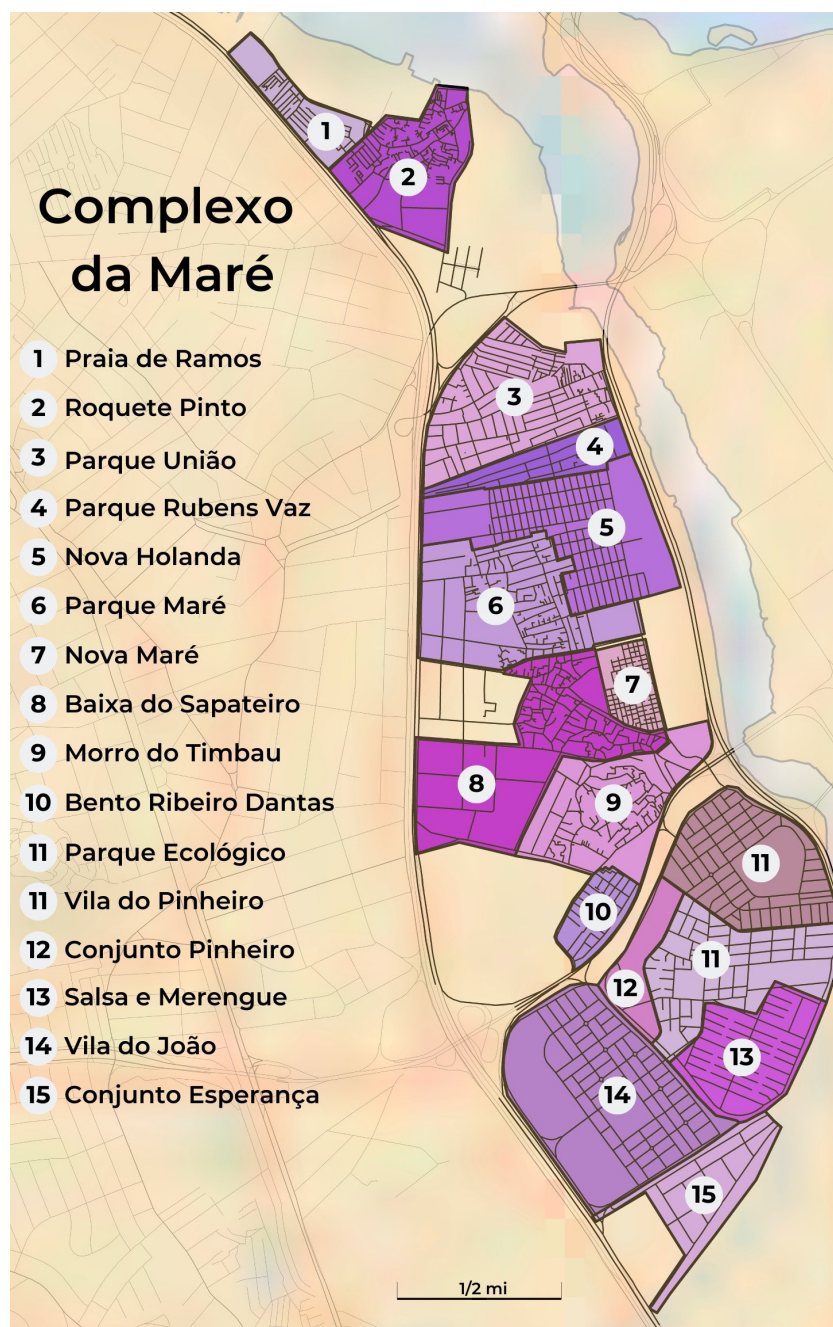


Da esquerda para a direita: Dairee Ramírez, Eduardo Moncada (em pé), Katindi Sivi Njonjo e Saúl Recinas López

Workshop no Rio de Janeiro

17 e 18 de março de 2026

A Maré é um conjunto contíguo de 15 favelas e conjuntos habitacionais na zona norte do Rio de Janeiro, Brasil. Esses bairros, cuja população é majoritariamente negra e parda, surgiram no início ^{do}século^{XX} ao longo de uma vasta planície de maré da Baía de Guanabara e, desde então, cresceram significativamente à medida que migrantes de todas as regiões do Brasil e de outros países passaram a chamar a Maré de lar. Hoje, a Maré tem uma população estimada em 125 mil habitantes (IBGE 2022), maior do que 96% dos 5.500 municípios do Brasil, e ocupa uma posição central na cidade, localizada próxima ao distrito financeiro central, ao aeroporto internacional e no cruzamento das três principais rodovias da cidade. **A Redes da Maré**, uma ONG local, recebeu colaboradores da Cidade do México, Nairóbi e Nova York para um workshop de dois dias, apresentando à equipe do projeto a Maré e seus moradores.



Dia 1

Os colaboradores percorreram o vasto território da Maré, visitando várias instalações da Redes e ouvindo diretamente da equipe da organização sobre os diversos projetos que abordam questões e dinâmicas de raça e racismo, direitos socioambientais, moradores em situação de rua e dependência química, bem como projetos que monitoram e defendem a reforma da segurança pública.

Dia 2

O segundo dia começou em outra unidade da Redes, a Casa das Mulheres, que oferece aconselhamento, serviços de saúde sexual e reprodutiva e capacitação profissional a centenas de mulheres da Maré. Os colaboradores visitaram o prédio e passaram a tarde discutindo, comparando e analisando as semelhanças e diferenças entre os três bairros objeto de estudo, enquanto trabalhavam para desenvolver uma linguagem conceitual comum e insights empíricos.

Principais conclusões e discussões

Nos meses que antecederam o workshop, os colaboradores do projeto se reuniram regularmente de forma virtual para desenvolver intervenções conceituais e teóricas, uma metodologia comparativa, bem como a ética participativa e colaborativa do projeto. O workshop no Rio de Janeiro foi a primeira ocasião em que a equipe pôde interagir plenamente entre si por um período prolongado. Os componentes participativos, presenciais e in situ deste projeto são fundamentais. Nas seções a seguir, resumimos as discussões e conclusões iniciais relativas aos três temas orientadores deste projeto.

1. Reconceituando as margens urbanas

Uma das principais tarefas deste projeto é desenvolver um marco conceitual e teórico para comparar as experiências entre comunidades urbanas igualmente marginalizadas. O projeto busca identificar padrões e pontos em comum, ao mesmo tempo em que reconhece que os processos de marginalização podem ser bastante distintos nessas regiões e populações, devido às geografias urbanas, histórias coloniais e dinâmicas políticas e institucionais muito diferentes. Embora trabalhos significativos das ciências sociais se refiram a essas comunidades e espaços como “margens urbanas” ou “periferia urbana”, muitos participantes consideraram esses termos pejorativos e excessivamente focados nas carências que essas comunidades enfrentam. Dada a significativa produtividade cultural e política dessas comunidades, a equipe pretende utilizar uma linguagem que destaque esses aspectos mais geradores dessas comunidades, ao mesmo tempo em que reconheça as desigualdades que as constituem. Por exemplo, como esses territórios dão origem a suas próprias formas de organização política, conhecimento e práticas, regulação social e construção de legitimidade comunitária, ao mesmo tempo em que reconhecem os consideráveis desafios e dificuldades que essas comunidades devem enfrentar no dia a dia.

Em uma série de discussões realizadas durante o workshop, os participantes descreveram as origens muito diferentes dos termos que utilizam para descrever esses bairros, bem como as conotações em constante mudança associadas a esses termos. Por exemplo, no Rio de Janeiro, “*favela*” era um termo usado para se referir aos primeiros bairros informais da cidade, construídos nas encostas íngremes das montanhas. O termo passou a ser aplicado a outras comunidades semelhantes que surgiram e cresceram ao longo do século^{xx}, embora a localização e a organização dessas comunidades fossem extremamente diferentes. Era frequentemente usado pela sociedade em geral como um termo pejorativo e era evitado por alguns movimentos sociais e moradores dessas comunidades para evitar a estigmatização. Nas últimas décadas, no entanto, o termo “*favela*” foi reapropriado para destacar formas contínuas de marginalização e desigualdade, bem como as soluções impulsionadas pelos próprios cidadãos criadas nesses territórios. Além disso, embora a identificação racial varie dentro desses bairros, a origem, a evolução e a situação atual das comunidades de favelas estão intimamente ligadas a formas históricas e contínuas de racismo estrutural e institucional, bem como à exploração nos mercados e estruturas econômicas capitalistas.

Em futuras oficinas, a equipe aprofundará os conceitos de *favelas* e *assentamentos informais* no contexto de Nairóbi e de “*colônias populares*” ou “*barrios*” na Cidade do México. Com isso, esperamos extrair insights da linguagem vernácula local e utilizá-los para nos ajudar a construir uma visão mais geral

para nos referirmos a essas e outras comunidades em situações semelhantes, evitando as deficiências dos conceitos anteriores.

2. Segurança pública, violência e insegurança

Um ponto-chave de comparação para os colaboradores centrou-se no tema da insegurança. Embora os bairros objeto de estudo de cada cidade possam ser descritos, em linhas gerais, como locais que enfrentam altos níveis de criminalidade, violência e repressão estatal, as formas que esses fenômenos assumem podem ser bastante distintas. Por exemplo, na Maré, o grupo pôde observar facções de traficantes fortemente armadas atuando abertamente. Esses grupos mantêm um alto grau de controle territorial em centenas de favelas da cidade e são conhecidos por disputarem violentamente entre si o domínio do território.

No entanto, muitos moradores se sentem mais seguros nesses bairros do que na maioria das outras áreas da cidade, o que contradiz muitos dos preconceitos e estereótipos predominantes que as pessoas que não moram nas favelas têm sobre essas comunidades. Embora a forma como governam esses bairros possa ser altamente coercitiva, algumas facções implementam uma forma de ordem social, em geral, confiável e eficaz. Muitas facções combatem o crime nesses bairros punindo aqueles que são flagrados roubando, brigando ou se envolvendo em outros comportamentos proibidos. Esses grupos também podem proporcionar acesso a formas de lazer, bem como a meios limitados, mas essenciais, de resolução de conflitos e assistência social. Embora tais atividades de governança raramente sejam bem-vindas pelos moradores e não sejam uniformes em todos esses bairros — os moradores podem vivenciar formas extremamente diferentes de governança e segurança, dependendo de suas posições específicas —, as facções proporcionam, de fato, um certo tipo de estabilidade e ordem social nesses espaços. Em outras comunidades e em outros momentos, esses grupos agem de forma mais coercitiva e podem ser entendidos como atores mais predatórios. A variação nessas relações e nos ambientes de segurança merece um aprofundamento e uma análise mais detalhada.



sociedade civil da Maré participam de uma atividade em oficina.

Enquanto isso, quando a polícia entra nas favelas, muitas vezes o faz por meio de operações de estilo militar, que ameaçam a segurança pública tanto quanto — se não mais do que — a melhoram. De fato, durante nosso primeiro dia na Maré, nossas atividades foram interrompidas por uma operação policial improvisada que levou a um confronto breve, mas violento, entre a polícia e membros de facções. A vida de dezenas de milhares de moradores dos bairros vizinhos ficou paralisada até o fim da operação. Além disso, todas as instituições públicas (escolas e postos de saúde) foram forçadas a fechar. Essa experiência foi um forte lembrete de como os cidadãos desses bairros precisam lidar com os efeitos adversos de intervenção estatal, bem como a uma variedade de outras formas de violência e insegurança.

Essas operações militarizadas foram objeto de ampla discussão ao longo do workshop de dois dias. Em uma reunião com atores locais, representantes de várias ONGs sediadas no Rio falaram sobre suas próprias comunidades de favelas e os tipos de operações policiais que ocorrem nessas áreas. Em um conjunto de bairros próximos à Maré, uma operação policial no ano anterior resultou na morte de 117 moradores supostamente ligados a uma das facções, o maior massacre policial da história do Brasil. Em outro bairro, próximo aos bairros mais ricos da cidade, os representantes afirmaram que as operações policiais eram raras e se concentravam principalmente na remoção de áreas de desenvolvimento mais recentes dentro da comunidade que estavam invadindo bairros formais, em vez de combater o tráfico de drogas ou grupos criminosos. Essa variação nas práticas de segurança pública, nos níveis de violência e no tipo de insegurança vivenciada e percebida pelos moradores é evidente.

Em workshops subsequentes, a equipe do projeto continuará a explorar a interseção entre mercados ilícitos, governança criminalizada e práticas de segurança pública. Uma das dificuldades na análise desses fenômenos interligados é identificar os fatores que impulsionam a insegurança em qualquer contexto. Às vezes, a insegurança pode se referir à violência criminosa, à militarização do Estado, às percepções subjetivas de risco, à ausência de regulamentação ou à vulnerabilidade cotidiana. Nos próximos workshops, nossa equipe se empenhará em distinguir analiticamente entre essas dinâmicas, uma vez que elas não necessariamente operam da mesma forma nos três contextos. Além disso, uma das constatações iniciais mais interessantes é o aparente paradoxo entre a presença armada e as percepções de (in)segurança, especialmente no caso do Rio de Janeiro, onde alguns moradores podem se sentir mais seguros sob ordens criminosas relativamente estáveis do que diante de intervenções estatais militarizadas. Tal constatação pode não se repetir em nossos outros estudos de caso. Nesse sentido, um caminho a seguir é distinguir as diversas relações entre atores armados e estruturas políticas em cada cidade. Enquanto no Rio as facções parecem se organizar em torno de economias ilícitas territoriais relacionadas aos mercados de varejo de drogas, em Nairóbi pode haver vínculos mais diretos com dinâmicas político-eleitorais e clientelistas, enquanto a Cidade do México apresenta um cenário criminalizado mais fragmentado e hibridizado. Essas diferenças podem ser fundamentais para o desenvolvimento de uma tipologia comparativa da governança armada urbana.



Lidiane Malanquini fala durante um dos segmentos do workshop.

3. Resistência, mobilização social e dados gerados por cidadãos

Ao longo do workshop, colaboradores e participantes discutiram as inúmeras maneiras pelas quais moradores e organizações da sociedade civil, incluindo, mas não se limitando à Redes da Maré, se mobilizaram e defenderam mudanças na Maré, incluindo, entre outras, litígios estratégicos, produção de dados, mobilização comunitária, advocacy institucional, transformação de narrativas públicas e acompanhamento territorial. Não é possível descrever em detalhes todas essas estratégias aqui, mas workshops futuros continuarão a aprofundá-las e compará-las.

Um conjunto de discussões particularmente importantes girou em torno das atividades da Redes, que, ao longo de seus mais de 20 anos de existência, desenvolveu lenta e meticulosamente uma poderosa metodologia de transformação comunitária. A própria organização surgiu de décadas de mobilização social e organização comunitária durante o período de redemocratização (décadas de 1970 e 1980), bem como de instituições e associações democráticas locais (Associação de Moradores). Essa história de ação coletiva lançou as bases para uma sólida base social sobre a qual a Redes construiu sua rede de “tecedores” — como chamam seus funcionários — e atores locais. A metodologia da Redes consiste em quatro etapas inter-relacionadas: 1) sistematização de dados e narrativas; 2) litígio estratégico em fóruns nacionais e internacionais; 3) diálogo com autoridades públicas; e 4) mobilização de atores locais. Durante os dois dias do workshop, ouvimos relatos de diversos projetos da Redes que geram dados sobre educação, cultura, saúde, meio ambiente e experiências de segurança pública na Maré. Tivemos longas discussões com a equipe da Redes, outros pesquisadores e organizações da sociedade civil parceiras sobre como esses dados podem ser efetivamente utilizados tanto para mudar a percepção do público quanto para desenvolver políticas públicas mais eficazes.

Por exemplo, um projeto chamado “*Respira Maré*” coleta dados sobre a qualidade do ar e as temperaturas na Maré, algo que as autoridades estaduais têm negligenciado. Uma grande equipe de moradores e funcionários realiza medições em suas casas e locais de trabalho por todo o território da Maré. Os dados coletados demonstram como algumas áreas da Maré apresentam qualidade do ar significativamente pior (medida pela prevalência de NO₂) e podem atingir temperaturas até 5º Celsius mais altas do que em outras áreas da cidade. Combinados, esses fatores ambientais podem causar sérios problemas de saúde para as populações locais, incluindo problemas de desenvolvimento em crianças. A Redes, então, leva esses dados às autoridades públicas e aos partidos políticos para exigir medidas. Embora esse projeto esteja em seus primórdios, as perspectivas de uma mudança substancial na vida dos moradores são reais.

Outro projeto, o “*De Olho na Maré*”, vem acompanhando as formas organizadas de violência na Maré desde 2016. Como o aparato de segurança pública praticamente não divulga dados confiáveis ou transparentes sobre violência, criminalidade ou o comportamento da polícia na Maré, a Redes decidiu coletar seus próprios dados. Ao longo de dez anos, a organização desenvolveu uma equipe altamente qualificada e técnica, que acompanha todas as operações policiais militarizadas à medida que ocorrem e, em seguida, busca informações sobre as consequências dessas operações e o comportamento da polícia. A equipe também trabalha com assistentes sociais, advogados e outros especialistas para prestar serviços e assistência aos membros da comunidade que foram vítimas de abusos policiais. Os dados são então verificados e reunidos em um conjunto de dados, que é divulgado anualmente e compartilhado com outras

pesquisadores, ONGs e autoridades públicas. Esse projeto preenche uma enorme lacuna no conhecimento público sobre o comportamento da polícia nesses territórios e permite que a Redes e seus parceiros contestem as narrativas populares sobre crime e violência nas favelas. Além disso, a Redes tem utilizado esses dados para entrar com ações nos tribunais brasileiros e junto a outros representantes do Estado com o objetivo de mudar as políticas e a fiscalização da segurança pública, chegando até mesmo a obrigar as autoridades de segurança pública a prestarem contas de suas políticas e ações.

Os participantes do workshop, vindos de Nairóbi e da Cidade do México, ficaram impressionados com esses e outros projetos da Redes, especialmente com a capacidade organizacional da ONG e de sua equipe altamente qualificada para desenvolver iniciativas inovadoras com o objetivo de mudar as políticas públicas. Essas capacidades técnicas e esse conhecimento especializado são particularmente relevantes, pois transformam a visão dessas comunidades, que deixam de ser vistas apenas como vítimas da violência ou da negligência do Estado para se tornarem comunidades e atores capazes de produzir evidências, elaborar avaliações e contestar politicamente o enquadramento das políticas públicas. Essa dimensão será aprofundada como parte central da comparação entre os casos. Há também questões relacionadas aos processos políticos e epistemológicos de coprodução de conhecimento. Por exemplo, como a Redes e outras organizações da sociedade civil lidam com sua relação com as instituições estatais quando, simultaneamente, colaboram com elas e produzem informações que criticam a violência policial ou a desigualdade urbana? Como a legitimidade técnica é construída a partir de territórios que foram historicamente marginalizados? Que tipo de autoridade política e epistemológica emerge dessas formas de conhecimento comunitário?



Mario Sebastián López falando durante uma das discussões do workshop.

Próximos passos

- O próximo workshop em Nairóbi está agendado para os dias 28 a 30 de setembro. Nos próximos meses, a equipe do projeto programou reuniões mensais que se concentrarão nos três temas descritos neste relatório. Essas discussões temáticas serão fundamentais para nossa pesquisa e colaboração contínuas.
 - Vários membros da equipe do projeto participaram recentemente do Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos (LASA) em Paris, França, onde organizaram uma mesa redonda intitulada “**Resiliência comunitária nas margens urbanas: marcos colaborativos e comparativos para o engajamento político**”. A equipe do projeto discutiu coletivamente as reflexões desse painel e começou a organizar uma mesa redonda semelhante para outra conferência a ser realizada na Cidade do México, onde as ideias deste projeto poderão ser ainda mais divulgadas.
-

Equipe do projeto

Rio de Janeiro

- **Redes da Maré** — Organização da sociedade civil com ampla experiência em pesquisa, advocacy e engajamento político em questões políticas, sociais e econômicas que afetam as favelas da Maré
- **Lidiane Malanquini** — Coordenadora de Defesa Estratégica, Redes da Maré
- **Moniza Rizzini Ansari** — Defesa Política, Redes da Maré
- **Tainá Alvarenga** — Coordenadora do Eixo de Segurança Pública, Redes da Maré

Nairóbi

- **Katindi Sivi Njonjo** — Diretor, LongView Consult
- **Patrick Mutahi** — Diretor, Centro de Estudos sobre Direitos Humanos e Políticas (CHRIPS)

Cidade do México

- **Projeto DUQ** — Organização da sociedade civil que trabalha com crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade para garantir seu acesso à educação, à cultura e ao lazer.
- **Karina Adame** — Diretora, Projeto DUQ; Residente da Comunidade DUQ
- **Dairee Ramírez** — Pesquisadora, El Colegio de México
- **Mario Sebastián López** — Aluno de mestrado, Universidade Autônoma da Cidade do México; morador da comunidade Ermita Zaragoza
- **Saúl Recinas López** — Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM)

Nova York

- **Nicholas Barnes** — Professor sênior, Escola de Relações Internacionais, Universidade de St Andrews; Pesquisador visitante, Instituto de Estudos Latino-Americanos, Universidade de Columbia
 - **Luna Borges** — Professora de Direito e advogada orientadora, Clínica de Direitos Humanos da Família Smith, Faculdade de Direito da Columbia
 - **Eduardo Moncada** — Diretor do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia; Professor Associado Claire Tow de Ciência Política no Barnard College
-